

O Livro de Urântia

<< [Documento 89](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 91](#) >>

Documento 90

O Xamanismo — Os Curandeiros e os Sacerdotes

90:0.1 (986.1) A EVOLUÇÃO das observâncias religiosas progrediu do aplacamento, restrição, exorcismo, coerção, conciliação e propiciação até o sacrifício, expiação e redenção. A técnica do ritual religioso passou das formas primitivas de culto aos fetiches até a magia e os milagres; e, à medida que o ritual se tornou mais intrincado, para responder ao conceito cada vez mais complexo que o homem fazia dos reinos supranaturais, ele ficou inevitavelmente dominado pelos curandeiros, xamãs e sacerdotes.

90:0.2 (986.2) Com o progresso dos conceitos do homem primitivo, o mundo espiritual acabou por ser considerado como não sendo sensível aos mortais comuns. Apenas os seres excepcionais, dentre os humanos, podiam chegar ao ouvido dos deuses; apenas os homens e as mulheres extraordinárias poderiam ser ouvidos pelos espíritos. A religião, assim, entra em uma nova fase, um estágio em que ela gradativamente passa às mãos dos intermediários; sempre um

curandeiro, um xamã ou um sacerdote interpõe-se entre o religioso e o objeto da sua adoração. E, hoje, a maioria dos sistemas de crenças religiosas organizadas em Urântia está passando por esse nível de desenvolvimento evolucionário.

90:0.3 (986.3) A religião evolucionária nasce de um medo simples e todo-poderoso, o medo que surge na mente humana quando ela se confronta com o desconhecido, o inexplicável e o incompreensível. A religião finalmente alcança a compreensão profundamente simples de um amor todo-poderoso, o amor que invade a alma humana de um modo irresistível, quando ela desperta para a concepção da afeição ilimitada do Pai Universal pelos filhos do universo. Todavia, entre o começo e a consumação da evolução religiosa, interpõe-se a longa era dos xamãs, os quais presumem colocar-se entre o homem e Deus como intermediários, intérpretes e intercessores.

1. Os Primeiros Xamãs — Os Curandeiros

90:1.1 (986.4) O xamã era o curandeiro mais eminente, o homem fetiche das cerimônias e a personalidade foco de todas as práticas da religião evolucionária. Em muitos grupos, o xamã chegou a ser superior ao chefe guerreiro, assinalando o começo da dominação da igreja sobre o estado. O xamã algumas vezes funcionava como um sacerdote e mesmo como um rei-sacerdote. Algumas das tribos mais recentes possuíam ambos, os primitivos xamãs-curandeiros

(videntes) e os xamãs-sacerdotes, que surgiram posteriormente. E, em muitos casos, o ofício do xamã tornou-se hereditário.

90:1.2 (986.5) Uma vez que nos tempos antigos qualquer coisa de anormal era atribuída à possessão de espíritos, qualquer anormalidade notável, mental ou física, constituía uma qualificação para ser curandeiro. Muitos desses homens eram epiléticos e histéricas as mulheres, e esses dois tipos justificam uma boa parte do que se tem como a inspiração antiga, tanto quanto as possessões de espíritos e demônios. Dentre esses sacerdotes primitivos, não eram poucos os que pertenciam a uma classe que tem sido denominada como paranóica.

90:1.3 (987.1) Embora possa haver exercido práticas fraudulentas em questões menores, a grande maioria dos xamãs acreditava no fato da própria possessão espiritual. Mulheres que eram capazes de se lançar em um transe, ou em um ataque cataléptico, tornaram-se xamãs poderosas; mais tarde, tais mulheres tornaram-se profetas e médiuns espirituais. Os seus transes catalépticos usualmente envolviam as pretensas comunicações com os espectros ou fantasmas dos mortos. Muitas xamãs eram também dançarinas profissionais.

90:1.4 (987.2) Contudo, nem todos os xamãs se auto-iludiam; muitos eram trapaceiros astutos e sagazes. Com o desenvolvimento da profissão, exigia-se que um noviço servisse como aprendiz, durante dez anos de provas severas e de renúncia, para qualificar-se como curandeiro. Os xamãs desenvolveram um modo de vestir próprio e simulavam uma conduta misterioso-afetada. Frequentemente, empregavam drogas para induzir certos estados físicos que

impressionavam e mistificavam os companheiros da tribo. Truques de prestidigitadores eram considerados como sobrenaturais pela gente comum, e alguns sacerdotes astutos foram os primeiros a usar a ventriloquia. Muitos dos antigos xamãs inadvertidamente caíram no hipnotismo; outros induziam a auto-hipnose, por meio de olhar fixamente o próprio umbigo.

90:1.5 (987.3) Conquanto muitos deles recorressem a esses truques e fraudes, a sua reputação como uma classe, afinal, teve um êxito aparente. Quando um xamã falhava nos seus trabalhos, se ele não pudesse apresentar uma desculpa plausível, ou ele era rebaixado ou matavam-no. Assim os xamãs honestos pereciam logo; apenas os atores astutos sobreviviam.

90:1.6 (987.4) Foi o xamanismo que tomou o comando exclusivo dos assuntos tribais das mãos dos mais velhos e fortes, entregando-o nas mãos dos astutos, dos espertos e dos perspicazes.

2. As Práticas Xamanistas

90:2.1 (987.5) A conjuração de espíritos era um procedimento muito preciso e altamente complicado, comparável aos rituais das igrejas de hoje conduzidos em uma língua antiga. A raça humana muito cedo buscou a ajuda supra-humana para a *revelação*; e os homens acreditavam que os xamãs recebiam de fato tais revelações. Se bem que os xamãs utilizassem o grande poder da sugestão no seu trabalho, era quase que invariavelmente sugestão negativa; apenas

em tempos muito recentes, a técnica de sugestão positiva tem sido empregada. No desenvolvimento inicial da sua profissão, os xamãs começaram a especializar-se em vocações tais como fazer chover, curar doenças e desvendar crimes. Curar as doenças não era, contudo, a função principal de um curandeiro xamanista, e sim conhecer e controlar os riscos da vida.

90:2.2 (987.6) A magia negra antiga, tanto a religiosa quanto a secular, era chamada de magia branca quando praticada por sacerdotes, videntes, xamãs ou curandeiros. Os praticantes da magia negra eram chamados de feiticeiros, magos, bruxos e bruxas, encantadores, necromantes, conjuradores e adivinhos. Com o passar dos tempos, todos esses supostos contatos com o sobrenatural foram classificados de bruxaria ou xamanismo.

90:2.3 (987.7) A bruxaria abrangia a *magia* executada pelos espíritos mais primitivos, irregulares e não reconhecidos; o xamanismo tinha a ver com os *milagres* realizados pelos espíritos comuns e pelos deuses reconhecidos da tribo. Nos tempos posteriores, as bruxas tornaram-se associadas ao demônio, e assim o cenário ficou pronto para as tantas exhibições relativamente recentes de intolerância religiosa. A bruxaria era uma religião para muitas tribos primitivas.

90:2.4 (987.8) Os xamãs eram grandes crentes na missão do acaso como revelador da vontade dos espíritos; eles freqüentemente tiravam a sorte para tomar decisões. Os resíduos modernos dessa propensão para tirar a sorte são ilustrados, não apenas nos muitos jogos de azar, mas também nas bem conhecidas rimas de “eliminação”. Houve época em que a pessoa sorteada por eliminação

devia morrer; agora, apenas em alguns jogos infantis isso acontece. Aquilo que era um assunto sério, para o homem primitivo, sobreviveu como uma diversão da criança moderna.

90:2.5 (988.1) Os curandeiros depositavam uma grande confiança nos sinais e presságios, tais como: “Quando ouvires um som de sussurro vindo do topo das amoreiras, então trata de agir”. Muito cedo, na história da raça, os xamãs voltaram a sua atenção para as estrelas. A astrologia primitiva foi uma crença e uma prática mundial; a interpretação de sonhos também se tornou difundida. Tudo isso foi logo seguido do aparecimento das mulheres xamãs temperamentais, as quais professavam serem capazes de comunicar-se com os espíritos dos mortos.

90:2.6 (988.2) Embora de origem antiga, os xamãs que traziam as chuvas, ou xamãs do tempo, perduraram através das idades. Uma seca severa significava a morte para os agricultores primitivos; o controle do tempo foi o objetivo de muita magia antiga. O homem civilizado ainda faz do tempo um tópico usual para a conversa. Os povos antigos todos acreditavam no poder do xamã de trazer a chuva; mas era costumeiro matá-lo quando ele fracassava, a menos que pudesse apresentar uma desculpa plausível à qual atribuir o fracasso.

90:2.7 (988.3) Várias vezes, os césores baniram os astrólogos, mas eles voltavam invariavelmente por causa da crença popular nos seus poderes. Eles não podiam ser expulsos, e até mesmo no século dezesseis depois de Cristo os dirigentes das igrejas e dos estados do Ocidente foram patronos da astrologia. Milhares de pessoas

supostamente inteligentes ainda acreditam que uma pessoa pode nascer sob a regência de uma estrela de boa ou de má sorte; que a justaposição dos corpos celestes determina o resultado de várias aventuras terrenas. Os cartomantes ainda estão sendo freqüentados pelos crédulos.

90:2.8 (988.4) Os gregos acreditavam na eficácia do aconselhamento dos oráculos, os chineses usavam a magia como proteção contra os demônios; o xamanismo floresceu na Índia e, ainda, perdurou abertamente na Ásia Central. É uma prática apenas recentemente abandonada em boa parte do mundo.

90:2.9 (988.5) De tempos em tempos, profetas e instrutores verdadeiros surgiram que denunciaram e desmascararam o xamanismo. Mesmo o homem vermelho em via de extinção teve um profeta assim nos últimos cem anos, Shawnee Tenskwatawa, que previu o eclipse do sol em 1808 e que denunciou os vícios do homem branco. Muitos verdadeiros instrutores têm surgido entre as várias tribos e raças em todas as longas idades da história evolucionária. E eles continuarão a aparecer para desafiar os xamãs ou os sacerdotes de qualquer época que se oponham à educação geral e que tentem criar obstáculos ao progresso científico.

90:2.10 (988.6) De muitas maneiras e por métodos tortuosos, os antigos xamãs estabeleceram as suas reputações como vozes de Deus e custódios da providência. Eles aspergiam os recém-nascidos com água, conferiam nomes a eles e praticavam a circuncisão nos homens. Eles presidiam a todas as cerimônias de sepultamento e

faziam o anúncio devido da chegada, a salvo, dos mortos à terra dos espíritos.

90:2.11 (988.7) Os sacerdotes xamanistas e os curandeiros freqüentemente tornavam-se muito ricos com o acúmulo dos seus vários honorários, que eram, segundo alegavam, oferendas aos espíritos. Não raro, um xamã acumulava praticamente toda a riqueza material da sua tribo. Com a morte de um homem rico, era costumeiro dividir as suas propriedades igualmente entre o xamã e alguma empresa pública ou de caridade. Essa prática ainda perdura em algumas partes do Tibete, onde metade da população masculina pertence a essa classe não produtiva.

90:2.12 (989.1) Os xamãs vestiam-se bem e costumavam ter várias esposas; eram a aristocracia original, ficando isentos de todas as restrições tribais. Freqüentemente, eram de baixa condição mental e moral. Eliminavam os seus rivais, denominando-os bruxos e feiticeiros, e muito freqüentemente ascendiam a uma posição de tanta influência e poder que eram capazes de dominar os chefes ou os reis.

90:2.13 (989.2) O homem primitivo considerava o xamã como um mal necessário; ele temia-o, mas não gostava dele. O homem primitivo respeitava o conhecimento; ele honrava e recompensava a sabedoria. O xamã era sobretudo uma fraude, mas a veneração pelo xamanismo ilustra bem o valor conferido à sabedoria na evolução da raça.

3. A Teoria Xamanista da Doença e da Morte

90:3.1 (989.3) Posto que o homem antigo considerava a si próprio e ao meio ambiente material como sendo diretamente responsáveis pelos caprichos dos fantasmas e das fantasias dos espíritos, não é estranho que a sua religião deva ter estado assim tão exclusivamente preocupada com questões materiais. O homem moderno enfrenta os seus problemas materiais diretamente; ele reconhece que a matéria responde à manipulação inteligente da mente. O homem primitivo, do mesmo modo, desejava modificar e mesmo controlar a vida e as energias dos domínios físicos; e, posto que a sua compreensão limitada do cosmo levou-o à crença de que os fantasmas, espíritos e deuses, pessoal e imediatamente, envolviam-se no controle detalhado da vida e da matéria, ele logicamente dirigiu os seus esforços para conquistar o favorecimento e o apoio desses agentes supra-humanos.

90:3.2 (989.4) Vista sob essa luz, grande parte daquilo que é inexplicável e irracional nos cultos antigos é compreensível. As cerimônias dos cultos eram uma tentativa primitiva do homem para controlar o mundo material no qual ele se encontrava. E grande parte dos seus esforços era feita no sentido de prolongar a vida e assegurar a saúde. Já que as doenças e a própria morte eram originalmente encaradas como fenômenos espirituais, era inevitável

que os xamãs, funcionando como curandeiros e sacerdotes, devessem também ter atuado como médicos e cirurgiões.

90:3.3 (989.5) A mente primitiva pode ser limitada por falta de dados comprovados, mas a despeito de tudo permanece lógica. Quando alguém que pensa observa a doença e a morte, ele propõe-se a determinar as causas dessas aflições e, de acordo com a sua compreensão, os xamãs e os cientistas têm proposto as seguintes teorias sobre as aflições:

90:3.4 (989.6) 1. *Os fantasmas — as influências espirituais diretas.* A primeiríssima hipótese avançada para a explicação da doença e da morte era que os espíritos causassem a doença retirando a alma do corpo; se ela não retornasse, seguia-se a morte. Os antigos temiam tanto a ação malévola dos fantasmas que geravam as doenças, que eles abandonavam freqüentemente os indivíduos doentes até mesmo sem comida e água. A despeito da base errônea para essas crenças, eles isolavam efetivamente os indivíduos afligidos e impediam que as doenças contagiosas se espalhassem.

90:3.5 (989.7) 2. *A violência — causas óbvias.* As causas de alguns acidentes e mortes eram tão fáceis de serem identificadas que foram logo retiradas da categoria das ações dos fantasmas. As fatalidades e os ferimentos conseqüentes da guerra, de combate com animais e outras formas prontamente identificáveis eram consideradas como ocorrências naturais. Durante muito tempo, porém, acreditou-se que os espíritos eram ainda responsáveis pelo retardamento da cura ou

pela infecção das feridas, ainda que “naturais” pela sua causa. Se nenhum agente observável pudesse ser descoberto, os espíritos fantasmas eram ainda responsabilizados pela doença e pela morte.

90:3.6 (990.1) Hoje, na África e em outros locais, podem ser encontrados povos primitivos que matam alguém sempre que uma morte não violenta acontece. Os seus curandeiros indicam-lhes os culpados. Se uma mãe morre ao dar a luz, a criança é imediatamente estrangulada — uma vida por uma vida.

90:3.7 (990.2) 3. *A magia — a influência dos inimigos.* Achava-se que muitas doenças eram causadas por feitiço, a ação do mau olhar e da varinha mágica. No passado, era realmente perigoso apontar um dedo para qualquer pessoa; apontar ainda é considerado como maus modos. Nos casos de doença obscura e de morte, os antigos costumavam realizar um inquérito formal, dissecar o corpo e apontar alguma coisa achada como a causa da morte; de outro modo, a morte seria atribuída à bruxaria, havendo, assim, a necessidade da execução da bruxa responsável por ela. Esses inquéritos dos antigos médicos legistas salvavam as vidas de muitas supostas bruxas. Entre alguns, acreditava-se que um companheiro de tribo poderia morrer em consequência da própria bruxaria e, nesse caso, ninguém seria acusado.

90:3.8 (990.3) 4. *O pecado — a punição pela violação de um tabu.* Em épocas relativamente recentes, acreditava-se que a doença fosse uma punição para o pecado, pessoal ou racial. Entre os povos que

passavam por esse nível de evolução, a teoria que prevalecia era a de que ninguém poderia ser afligido, a menos que tivesse violado um tabu. Considerar a doença e o sofrimento como “flechas do Todo-Poderoso dentro de si” é típico dessas crendices. Os chineses e os mesopotâmios, durante muito tempo, consideraram a doença como resultado da ação de demônios maus, embora os caldeus também considerassem as estrelas como sendo a causa de sofrimentos. Essa teoria da doença como conseqüência da ira divina ainda prevalece entre muitos grupos de urantianos com reputação de civilizados.

90:3.9 (990.4) 5. *As causas naturais.* A humanidade tem sido muito lenta em aprender os segredos materiais das inter-relações de causa e de efeito nos domínios físicos da energia, da matéria e da vida. Os gregos antigos, havendo preservado as tradições dos ensinamentos de Adamson, estavam entre os primeiros a reconhecer que toda doença resulta de causas naturais. Lenta e certamente, o desabrochar de uma era científica está destruindo as teorias antigas do homem sobre a doença e a morte. A febre foi uma das primeiras indisposições humanas a serem retiradas da categoria das desordens sobrenaturais e, progressivamente, a era da ciência tem rompido as algemas da ignorância que por tanto tempo aprisionaram a mente humana. Uma compreensão da velhice e do contágio está obliterando gradualmente o medo humano dos fantasmas, de espíritos e de deuses como os perpetradores pessoais da miséria humana e do sofrimento mortal.

90:3.10 (990.5) A evolução infalivelmente alcança os seus objetivos: ela imbui o homem daquele medo supersticioso do desconhecido e do receio do não visível, e estes são andaimes na construção do conceito de Deus. E, havendo testemunhado o nascimento de uma compreensão avançada da Deidade, por meio da ação coordenada da revelação, essa mesma técnica de evolução infalivelmente coloca, então, em movimento, aquelas forças do pensamento que irão destruir inexoravelmente o andaime que já serviu ao seu propósito.

4. A Medicina Por Trás dos Xamãs

90:4.1 (990.6) Toda a vida dos homens antigos tinha o seu centro na profilaxia; a sua religião era, em uma grande medida, uma técnica para a prevenção das doenças. E a despeito do erro nas suas teorias, eles eram sinceros ao colocá-las em prática; eles tinham uma fé ilimitada nos próprios métodos de tratamento e isso era já, por si mesmo, um poderoso remédio.

90:4.2 (991.1) A fé exigida para que alguém se restabelecesse, sob as ministrações estúpidas de um desses antigos xamãs, não era, afinal, significativamente diferente daquela que é exigida para experimentar-se a cura nas mãos de algum dos seus mais recentes sucessores, que se empenham em tratamentos não científicos de doenças.

90:4.3 (991.2)

As tribos mais primitivas temiam os doentes e, durante longas eras, eles foram cuidadosamente evitados e vergonhosamente negligenciados. Foi um grande avanço humanitário quando a evolução da arte do xamanismo produziu sacerdotes e curandeiros que consentiam no tratamento das doenças. Então, tornou-se costumeiro para todo o clã acotovelar-se na sala dos doentes para assistir ao xamã bramindo para expulsar os fantasmas da doença. Não era incomum que uma mulher xamã fizesse o diagnóstico, enquanto um homem administrava o tratamento. O método comum de diagnosticar a doença era baseado no exame das entranhas de um animal.

90:4.4 (991.3)

A doença era tratada com cantos, bramidos, imposição de mãos, soprando-se no paciente e por meio de muitas outras técnicas. Em tempos mais recentes, ficou mais comum recorrer-se ao sono nos templos, durante o qual a cura supostamente ocorria. Os curandeiros finalmente tentaram a cirurgia real, em conjunto com o sono no templo; entre as primeiras operações, estava a da trepanação da cabeça, para permitir ao espírito da dor de cabeça escapar. Os xamãs aprenderam a tratar das fraturas e dos deslocamentos, a abrir furúnculos e abscessos; as mulheres xamãs tornaram-se parteiras peritas.

90:4.5 (991.4)

Era um método comum de tratamento friccionar alguma coisa mágica em um local infectado ou defeituoso do corpo, jogar o amuleto fora e supor-se que tinha havido uma cura. Se alguém por acaso apanhasse o amuleto jogado fora, acreditava-se que essa pessoa iria imediatamente contrair a infecção ou o defeito. Muito

tempo passou-se até que as ervas e outros medicamentos reais fossem introduzidos. A massagem foi desenvolvida em ligação com os encantamentos, friccionando para que o espírito saísse do corpo, e era precedida de esforços para introduzir o medicamento friccionando-o, do mesmo modo que os homens modernos tentam friccionar os linimentos. Acreditava-se que as ventosas e a sucção das partes afetadas, junto com as sangrias, fossem de valia para livrar-se de um espírito que produzia a doença.

90:4.6 (991.5) Já que a água era um fetiche poderoso, era utilizada no tratamento de muitos males. Durante muito tempo, acreditou-se que o espírito que causa a doença poderia ser eliminado pelo suor. Banhos de vapor eram tidos em alta conta; as fontes naturais de água quente logo floresceram como estâncias primitivas de cura. O homem primitivo descobriu que o calor aliviava a dor; ele usava a luz do sol, órgãos de animais recém-abatidos, argila quente e pedras quentes, e muitos desses métodos ainda são empregados. O ritmo era praticado no esforço de influenciar os espíritos; as batidas tom-tom eram universais.

90:4.7 (991.6) Entre alguns povos, julgava-se que a doença fosse causada por uma conspiração maldosa entre os espíritos e os animais. Isso deu origem à crença de que existia uma planta benéfica como remédio para todas as doenças cuja causa fosse animal. Os homens vermelhos eram especialmente devotados à teoria de que as plantas fossem remédios universais; eles sempre colocavam uma gota de sangue no buraco deixado pela raiz, quando a planta era arrancada.

90:4.8 (991.7)

O jejum, a dieta e os revulsivos eram usados freqüentemente como medidas medicamentosas. As secreções humanas, sendo definitivamente mágicas, eram tidas como sendo de alto valor; o sangue e a urina estavam assim entre os primeiros remédios e foram logo potencializados pelas raízes e os mais vários sais. Os xamãs acreditavam que os espíritos das doenças podiam ser retirados do corpo por meio de medicamentos malcheirosos e de gosto ruim. A purgação logo se tornou um tratamento de rotina, e os valores do cacau e do quinino crus estavam entre as primeiras descobertas farmacêuticas.

90:4.9 (992.1)

Os gregos foram os primeiros a desenvolver métodos realmente racionais de tratamento dos doentes. Tanto os gregos quanto os egípcios receberam os seus conhecimentos médicos do vale do Eufrates. O óleo e o vinho eram medicamentos muito antigos para o tratamento de feridas; o óleo de castor e o ópio eram usados pelos sumérios. Muitos desses remédios secretos antigos e eficazes perderam o poder quando se tornaram conhecidos; o segredo tem sempre sido essencial ao êxito da prática da fraude e da superstição. Apenas os fatos e a verdade buscam a luz plena da compreensão e rejubilam-se na iluminação e esclarecimento trazidos pela pesquisa científica.

5. Os Sacerdotes e os Rituais

90:5.1 (992.2)

A essência do ritual está na perfeição da sua execução; entre os selvagens, deve ser praticado com uma profunda precisão. A cerimônia só tem poder para convencer os espíritos se ela houver sido celebrada com correção. Se o ritual é deficiente, ele apenas provoca a raiva e o ressentimento dos deuses. E por isso, posto que a mente do homem, na sua lenta evolução, concebeu que *a técnica do ritual* era o fator decisivo para a sua eficácia, foi inevitável que os xamãs primitivos devessem, mais cedo ou mais tarde, evoluir até um sacerdócio treinado, para dirigir a prática meticulosa do ritual. E, assim, durante dezenas de milhares de anos, rituais intermináveis estorvaram a sociedade e maldisseram a civilização, e têm sido um peso intolerável para cada ato de vida, para cada empreendimento da raça.

90:5.2 (992.3)

O ritual é a técnica de santificação do costume; o ritual cria e perpetua os mitos, bem como contribui para a preservação dos costumes sociais e religiosos. E, novamente, o ritual, em si, tem sido engendrado pelos mitos. Os rituais foram freqüentemente sociais a princípio, mas mais tarde tornaram-se econômicos e finalmente adquiriram a santidade e a dignidade de cerimoniais religiosos. O ritual pode ser pessoal ou grupal pela sua prática — ou ambos — como ilustrado pela prece, a dança e a dramatização.

90:5.3 (992.4)

As palavras tornam-se uma parte do ritual, como o uso de termos como amém e selá. O hábito de jurar por motivos fúteis, a blasfêmia, representa uma substituição da repetição ritual anterior de nomes sagrados. Fazer peregrinações a santuários sagrados é um ritual muito antigo. O ritual, em seguida, cresceu, dando origem às

cerimônias de purificação, de limpeza e de santificação. As cerimônias de iniciação ao segredo tribal das sociedades primitivas eram, na realidade, um rito religioso tosco. A técnica de adoração dos antigos cultos dos mistérios era apenas uma longa execução de rituais religiosos acumulados. O ritual, finalmente, desenvolveu-se nos tipos modernos de cerimoniais sociais e de cultos religiosos, serviços que abrangem prece, canto, a leitura estimulante e outras devoções espirituais individuais e grupais.

90:5.4 (992.5) Os sacerdotes evoluíram dos xamãs, passando pelos estágios de oráculos, adivinhadores, cantores, dançarinos, mandachuvras, guardiães de relíquias religiosas, custódios de templos e prognosticadores de acontecimentos, até o status de dirigentes verdadeiros do culto religioso. Finalmente, o ofício tornou-se hereditário; uma casta contínua de sacerdotes surgiu.

90:5.5 (992.6) Com a evolução da religião, os sacerdotes começaram a especializar-se de acordo com os seus talentos inatos ou predileções especiais. Alguns se tornaram cantores, outros rezadores e outros, ainda, sacrificadores; mais tarde, vieram os oradores — os pregadores. E, quando a religião se tornou institucionalizada, esses sacerdotes reivindicaram “a guarda das chaves do céu”.

90:5.6 (992.7) Os sacerdotes têm buscado sempre causar impressão, respeito e temor na gente comum, conduzindo o ritual religioso em uma língua antiga, e por meio de diversos passes mágicos, para assim mistificar os adoradores, aumentando a sua própria piedade e

autoridade. O grande perigo de tudo isso é que o ritual tende a tornar-se um substituto da religião.

90:5.7 (993.1) Os sacerdócios têm feito muito para retardar o desenvolvimento científico e para estorvar o progresso espiritual, mas eles têm contribuído para a estabilização da civilização e para o engrandecimento de alguns tipos de cultura. Contudo, muitos sacerdotes modernos têm cessado de funcionar como dirigentes do ritual de adoração a Deus, tendo voltado a sua atenção para a teologia — a tentativa de definir Deus.

90:5.8 (993.2) Não se pode negar que os sacerdotes têm sido um peso atado ao pescoço das raças, mas os verdadeiros líderes religiosos têm sido de um valor inestimável para mostrar o caminho para realidades mais elevadas e melhores.

90:5.9 (993.3) [Apresentado por um Melquisedeque de Nébadon.]